



Ministério da Educação – Brasil  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM  
Minas Gerais – Brasil  
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas  
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM  
ISSN: 2238-6424  
QUALIS/CAPES – LATINDEX  
Nº. 19 – Ano X – 05/2021  
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

## **A dinâmica da pandemia sob uma perspectiva crítica Miltoniana**

Prof. Dr. Sebastião Cerqueira-Neto  
Doutor em Geografia Universidade Federal de Sergipe - Brasil  
Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia / Campus  
Porto Seguro - Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/0707747014759987>  
E-mail: [cerqueiraneto.mg@gmail.com](mailto:cerqueiraneto.mg@gmail.com)

Prof. MSc. Marcelo Simões Tessmann  
Mestre em Ciências e Tecnologias Ambientais IFBA/UFSE  
Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia / Campus  
Porto Seguro – Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/2792208327983749>  
E-mail: [marcelo.tessmann@garanhuns.ifpe.edu.br](mailto:marcelo.tessmann@garanhuns.ifpe.edu.br)

Prof. MSc. George Luis Martins de Oliveira  
Mestre em Ciências e Tecnologias Ambientais IFBA/UFSE  
<http://lattes.cnpq.br/9794052760770698>  
E-mail: [george\\_martins@yahoo.com.br](mailto:george_martins@yahoo.com.br)

Prof. Dr. Leonardo Thompson da Silva  
Doutor em Geografia Universidade Federal da Bahia - Brasil  
Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia / Campus  
Porto Seguro - Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/1147069538264015>  
E-mail: [leonardothompson@gmail.com](mailto:leonardothompson@gmail.com)

Prof. Dr. José André Ribeiro  
Doutor em Filosofia Universidade Federal do Ceará - Brasil  
Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia / Campus  
Porto Seguro - Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/2909888019684406>  
E-mail: [joseandre14@hotmail.com](mailto:joseandre14@hotmail.com)

Prof. MSc. Ricardo Almeida Cunha  
Mestre em Ciências e Tecnologias Ambientais IFBA/UFSB  
Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia / Campus  
Porto Seguro – Brasil  
Doutorando em Estado e Sociedade / Universidade Federal do Sul da Bahia /  
Campus Sosígenes Costa – Porto Seguro/BA  
<http://lattes.cnpq.br/0434063426078155>  
E-mail: [rcunha@ifba.edu.br](mailto:rcunha@ifba.edu.br)

**Resumo:** Sempre que acontecem transformações nas mais diferentes escalas territoriais, sejam por ações de causas naturais, sejam pela ação humana, a Geografia irá oferecer contribuições em conjunto com outras áreas do conhecimento oferecendo interpretações que ajudem a compreender a dinâmica territorial. Nessa pandemia não foi diferente. Geógrafos de diversas correntes geográficas produziram textos, notas técnicas, sobretudo, para atender a uma urgência na elaboração de análises e produção de dados sobre o alastramento da Covid-19 em território nacional. Esse ensaio foi elaborado a partir da crítica social e econômica que Milton Santos desenvolvia sobre gestão do território realizada pelas grandes empresas em contraposição da debilidade dos governos para promover o bem-estar social.

**Palavras-chave:** Milton Santos. Pandemia. Globalização. Territórios

## Introdução

A dinâmica dessa pandemia, para além da sua grave repercussão na saúde das pessoas em escala global, é objeto de preocupação de várias áreas do conhecimento. Algumas ciências ganham destaque nesse período, sobretudo, porque estão linha de frente do combate ao vírus. Outras, como a Geografia, oferecem análises que possam parecer secundárias, mas, que ao passar esse caos os seus estudos podem ter repercussão diretamente para que no futuro com o advento de outras pandemias ou mesmo com doenças localizadas num determinado território o seu impacto tenha menor repercussão. Contudo, “uma interdisciplinaridade que não leva em conta a multiplicidade de aspectos com os

quais se apresenta aos nossos olhos uma mesma realidade, poderia conduzir à construção teórica de uma totalidade cega e confusa” (SANTOS, 2004, p. 141). Por isso, não se pode falar em uma ciência melhor que a outra, pois, há uma interdependência entre elas.

A quase total paralisação das cidades mostrou o quão frágil somos na ciência, na economia, na política diante de um inimigo com o qual lidamos apenas com os casos concretos com o número de pessoas atingidas, porém, impossível de ser mapeado quanto a sua expansão física pelos territórios. A maior preocupação deve ser primordialmente com a saúde das pessoas, entretanto, é impossível não falar no abalo da saúde do capitalismo. Grandes empresas de transporte coletivo tiveram que deixar seus veículos nas garagens; os shoppings, um dos maiores símbolos do capitalismo, fechados; pessoas que possuem condições financeiras para viajar para outros países foram afetadas pelo vírus; territórios turísticos totalmente vazios; a rede hospitalar, mormente, a particular se mostrou incapaz de receber tantos pacientes.

Infelizmente é a partir de uma catástrofe sanitária como esta que o Brasil (sociedade) o quanto a atividade científica é importante para o país, e que essa atividade só pode ser consolidada se houver um orçamento forte e contínuo para a educação em todos os níveis de aprendizagem; percebemos o apoio popular aos profissionais da área de saúde, tantas vezes hostilizados e que muitas vezes trabalham sob pressão física e mental em hospitais e postos de saúde precários.

A dinâmica do coronavírus nos mostra que devemos ter a compreensão de que vivemos em um único território, seja ele global, nacional, regional ou local. Nesse sentido, o vírus desconhece qualquer tipo de barreira geográfica, sejam elas político-administrativas, ideológica ou natural. Por isso, sua imensa força na desorganização nos continentes, nos países, nas cidades.

A Geografia está atenta com a propagação do coronavírus pelo território brasileiro e mundial, contribuindo, sobretudo, com a análise da dinâmica territorial que se transformou completamente a partir do momento em que os governos em todas as escalas impuseram algumas medidas para conter o alastramento do vírus. Entre essas medidas está a polêmica do isolamento horizontal.

Essa pandemia desorganizou os territórios de tal modo que será impossível prevê suas consequências futuras. Por outro lado, é possível que essa crise possa

nos conduzir para outros modelos de reorganização dos territórios, que são desorganizados desde a sua origem na falta de planejamento até a dinâmica caótica que se apresenta no cotidiano das cidades, sobretudo, nos grandes centros. Portanto, esse caos é constante. Nesse sentido, a pandemia apenas acentua as contradições socioeconômicas e a incapacidade política de saná-las tanto interna como externamente, o que conseqüentemente terá rebatimento em nosso precário sistema de saúde. Para Guimarães; Pickenhayn; Lima (2014, p.87)

Ao caminharmos pelas cidades, a distribuição dos serviços de saúde apresentam-se aos nossos olhos com um certo caráter anárquico (o que não quer dizer caótico). [...] É a cidade das filas, das dificuldades, das carências, da demora na marcação de consultas, do consumo de recursos médicos.

O alastramento da Covid-19 se mostrou incontrolável desde os primeiros casos em 2020 até meados de 2021. Em países como no caso do Brasil, dependente da tecnologia de outros países, apresentaram menor possibilidade de conter, controlar e de encontrar a cura. Outrossim, a bipolarização política da pandemia foi um fator preponderante para que o Brasil passasse a ser considerado o epicentro da Covid-19 a partir de 2021.

Nesse cenário de pandemia a Geografia se apresenta como uma ciência que colaborativa atuando no apoio tecnológico através do uso de ferramentas que ajudam a mapear os focos da pandemia; produz análises de vetores ambientais que contribuem para entender a dinâmica do vírus pelo território; elabora um pensamento crítico sobre a política, a economia; e busca na solidariedade uma via para humanizar a relação entre os diferentes territórios no combate da pandemia. E, é através da solidariedade (diferente de caridade) pensada por Milton Santos que este texto norteia sua reflexão.

### **A geografia e sua intersecção com a saúde**

Diversas áreas do conhecimento produziram suas análises sobre os efeitos dessa pandemia, principalmente, na área das ciências médicas. A Geografia, se não tem uma ação efetiva ao combate, ela pode contribuir com mapeamentos e análises da propagação do coronavírus em diferentes territórios. Ao combinar os elementos naturais e sociais com a ocorrência de muitas doenças, por exemplo, “a influência do clima, dos solos sobre a população é o papel da Geografia Médica” (SANTOS, F. 2010, p.44). Todavia, é importante salientar que o (a) geógrafo (a) utiliza métodos,

conceitos e técnicas da Geografia, e de outras ciências, para realizar uma análise de um determinado fenômeno que organiza, desorganiza, cria e destrói os territórios. E as doenças ao longo da história da humanidade sempre foi um vetor que implicou em transformações territoriais. Segundo Santos, F. (2010, p.45)

A falta de importância a outros fatores que não privilegiassem somente os micróbios como o responsável pelas doenças levou a certa estagnação da medicina no que diz respeito à compreensão da dinâmica das doenças e as causas da sua distribuição geográfica.

A descoberta de uma vacina se dá dentro de um laboratório, porém, sua eficácia deve levar em consideração, entre outras coisas, a dinâmica dos elementos naturais, as atividades antrópicas e as características físicas e biológicas de uma sociedade que compõem e constroem um dado território. Dessa forma, o ambiente também entendido como território, “em suas dimensões física e social, passa a ser o locus para as ações de promoção da saúde, porque é na relação dos indivíduos e da coletividade com o ambiente que se estabelecem os processos de produção social da saúde” (GUIMARÃES; PICKENHAYN; LIMA, 2014, p.81).

Na década de 1960, no antigo Norte de Goiás (hoje Estado do Tocantins), pontualmente, na cidade de Araguaína<sup>1</sup>, moradores acometidos pela malária eram encaminhados para serem tratados na capital Goiânia; geralmente faleciam, pois os médicos de Goiânia não conheciam profundamente os sintomas da malária. Depois de algum tempo os pacientes passaram a ser tratados em hospitais do Estado do Pará onde os profissionais da saúde detinham toda a metodologia de identificar os sintomas da malária e indicar o tratamento adequado. Isso viria a diminuir substancialmente o número de mortos. Decerto que as condições ambientais, na década de 1960, não eram levadas em consideração para se estudar uma doença e suas causas, o que pode ser explicado por uma falta de “conversa” entre os diferentes campos da ciência.

O exemplo da cidade de Araguaína retrata um dos principais dilemas de algumas ciências, sobretudo, aquelas que se amparam no modelo cartesiano. “Diz respeito às dicotomias geradas pelo processo analítico (sociedade/natureza, corpo anátomo-fisiológico/corpo social). [...] Como entender a doença por meio de determinantes, ao mesmo tempo, sociais e naturais?” (GUIMARÃES; PICKENHAYN; LIMA, 2014, p.72). Neste século XXI seria impossível imaginar que uma ciência

---

<sup>1</sup> Relato de um morador de Araguaína – TO em 1994 quando eu realizava o meu trabalho de campo do meu TCC no Curso de Geografia na UNITINS.

resolva todas as questões, inclusive as que são diretamente de sua competência, sem recorrer a outras áreas do conhecimento. Para corroborar com esse comportamento científico, um bom exemplo está no artigo “O homem dos riscos e o homem lento e a teorização sobre o risco epidemiológico em tempos de globalização” de Sevalho (2012), onde vai trazer para o debate a concepção de homem lento, de Milton Santos, e sua relação com os riscos epidemiológicos onde vivem, sobretudo, nos lugares opacos das grandes cidades que são caracterizados pela falta de políticas de educação, saúde pública de qualidade, saneamento básico; isto é, são pessoas que vivem no seu cotidiano expostas ao risco de se contaminarem por qualquer tipo de doença.

O livro “Geografia e Saúde sem fronteiras” (2014), dos autores Raul Borges Guimarães, Jorge Amancio Pickenhayn e Samuel do Carmo Lima, traz nos seus quatro capítulos análises que mostram a aproximação teórica e metodológica entre a Geografia e a Medicina na América Latina. No texto da apresentação do livro, mostra que essa aproximação vem sendo feita desde 2003, tendo a participação de aproximadamente 400 pesquisadores de vários programas de pós-graduação, institutos de pesquisa e órgãos governamentais municipais, estaduais e federais.

A maioria dos participantes desses eventos foi formada por profissionais de saúde, principalmente enfermeiros, biólogos, médicos e farmacêuticos. Os geógrafos representaram cerca de 40% do total de participantes. Esta composição mostra que a Geografia da Saúde é um tema de interesse não só de geógrafos, mas de profissionais de saúde que identificam esta subdisciplina como uma alternativa para enriquecer a abordagem social e ambiental dos problemas de saúde (GUIMARÃES; PICKENHAYN; LIMA, 2014).

A relação entre os estudos sobre a saúde e o espaço está resumida de seguinte forma pelos autores: no primeiro capítulo, “Espaço e saúde”, estabeleceram conexões entre estes dois conceitos, com enfoque na abordagem ecológica e no fator informacional que se agrega no presente. No capítulo dois, “As ideias sobre saúde – de Hipócrates à promoção da saúde”, percorreram a evolução do pensamento geográfico em saúde, sem perder de vista que ideias são sempre histórica e socialmente contextualizadas.

No capítulo 3, “A organização dos serviços de saúde”, discutimos o caminho metodológico de estudo dos serviços de saúde do ponto de vista da Geografia e de

suas interfaces com outras áreas das Ciências Sociais, como a Sociologia, a Economia e a História. Nas duas últimas partes deste capítulo, o enfoque foio desenvolvimento da política de saúde no Brasil e os novos desafios para o fortalecimento da saúde pública. Por fim, no capítulo quatro “Saúde: uma Geografia aplicada”, analisando o papel do geógrafo na saúde coletiva, enfatizaram que não há barreiras epistemológicas capazes de isolar um campo tão importante como é o da Geografia da Saúde (GUIMARÃES; PICKENHAYN; LIMA, 2014).

A organização dos pesquisadores que estão se dedicando aos estudos dos territórios e determinadas doenças, tais como, a Dengue, a Malária e a Leishmaniose, é também uma ação solidária acadêmica, tendo em vista que o objetivo maior entre os pesquisadores brasileiros “é contribuir para a consolidação da política nacional de saúde (SUS) e a redução das desigualdades sociais” (GUIMARÃES; PICKENHAYN; LIMA, 2014, p.08). Por conseguinte, os resultados dos estudos desses pesquisadores têm como escopo principal atingir um bem comum; as condições de melhorias para comunidades do Brasil bem como de toda a América Latina.

No que se refere a relação da Geografia com a atual pandemia, o Prof. Dr. Marshall Shepherd publica um relato<sup>2</sup> intitulado “Geografia pode ser a chave para lutar contra o surto de COVID-19” onde ele fala da utilização dos Sistemas de Informação Geográfica (GIS), Sensores Remotos, Sistemas de Posicionamento Global (GPS) e o mapeamento online como o Google Earth, ferramentas utilizadas pela Geografia como forma de acompanhar a propagação do vírus por todo o planeta. Nesse relato Shepherd fala com entusiasmo sobre os diversos sites que estão divulgando tanto estudos ligados a Geografia Humana quanto a Geografia Física num esforço de mapeamento ou acompanhamento da expansão do coronavírus.

Dessa forma, a Geografia pode contribuir, dentro de uma pesquisa interdisciplinar, com possíveis caminhos de cura de uma determinada doença que se dá em escala planetária ou local, “pois não tem como isolar o enfermo do seu ambiente, pois o ambiente pode ser a causa, mas também pode ser a cura” (SANTOS, F. 2010, p.47). Esta frase de Santos, F. (2010) nos remete na preocupação que todos devem ter com a preservação da biodiversidade encontrada,

---

<sup>2</sup><https://mundogeo.com/2020/03/12/geografia-pode-ser-a-chave-para-lutar-contr-o-surto-de-covid-19/>. Acessado em março de 2020.

sobretudo, em território de comunidades tradicionais, seja na diversidade da fauna e da flora, seja no saber desses povos através da oralidade.

Para Haesbaert (1999, p.17), uma análise territorial deve levar em conta “problemáticas como as escalas e fenômenos sociais mais específicos (como os regionalismos políticos e as identidades regionais) entre aqueles que produzem a diversidade geográfica do mundo”. Assim, ainda que a pandemia deva ser analisada numa escala global, entretanto, a sua ocorrência não é linear, não acontece ao mesmo tempo em todos os territórios, tampouco com a mesma intensidade de ocorrência.

Ao realizar essa compilação de reflexões sobre a relação entre geografia, território e saúde entendemos que “a sociedade, que deve ser, finalmente, a preocupação fundamental de todo e qualquer ramo do saber humano, é uma sociedade total” (SANTOS, 2004, p.146). Da mesma forma, deveríamos entender o território em sua totalidade, sobretudo, porque a Covid-19 é uma doença global onde seu vírus não seleciona classe social. Por outro lado, o seu grau de alastramento está intrínseco ao comportamento particular de alguns governantes.

### **Se a Covid fosse uma empresa! Um vírus global**

Se o coronavírus fosse uma grande empresa global suas ações nas bolsas de valores de todo o mundo estariam em alta, principalmente, por ter como operadores da sua propagação políticos negacionistas que administram países de diferentes posições no ranking do desenvolvimento econômico. Políticos com esse tipo de comportamento são alheios as mortes de idosos, de pobres, pois o que importa para eles é a saúde da economia. Um pensamento limitado tendo em vista que todos que compõem uma sociedade participam da economia ainda que em níveis desiguais de participação.

Sem querer cometer qualquer juízo de valor ou de contestação da conduta ética de médicos, ministros da saúde, políticos em geral, a morte dos idosos parece ser uma contribuição necessária para alguns governos perversos. Na Itália, o tratamento dos idosos foi preterido para salvar os mais jovens. No Brasil, um dos ex-ministros da saúde do Governo Bolsonaro também utilizou um discurso semelhante ao da Itália para propor uma dinâmica de tratamento no Brasil.

Este é um debate que pode até fazer parte da conduta ética dos médicos, porém, ele expõe a fragilidade de todos os sistemas de saúde, sejam de países pobres ou de ricos. No Brasil a debilidade dos sistemas de saúde conjugado com péssimas condições de moradias desprovidas de saneamento básico é um parte de uma histórica conduta política que exclui os mais pobres de todas as faixas etárias.

Assim como não se deve estabelecer a dicotomia entre saúde e economia, justamente porque não há como dissociar todos os vetores que compõem uma sociedade, também não se deveria colocar em contraposição tratamento de idosos ou de jovens. O Estado, principal agente da implantação do bem-estar social nos territórios, deveria ter a capacidade de cuidar de todos, pois é uma questão humanitária.

Não devemos equiparar competências do Estado com as grandes empresas. Por exemplo, os grandes laboratórios que produzem medicamentos com fins comerciais e de monopólio tecnológico. Entretanto, infelizmente “a política agora é feita no mercado. Só que esse mercado global não existe como ator, mas como uma ideologia, um símbolo. Os atores são as empresas globais, que não têm preocupações éticas, nem finalísticas” (SANTOS, 2000, p.67). Daí o porquê um empresário bem sucedido não será necessariamente um gestor público exitoso, pois, ainda que o Estado possa apresentar alguma semelhança organizacional com uma grande empresa, ele tem o bem-estar social como sua finalidade maior.

Geopoliticamente o vírus causou impactos em todas as economias do mundo. Evidentemente que em países subdesenvolvidos o impacto foi de grande monta devido as características socioeconômicas precárias da maioria dos seus habitantes. Por outro lado, isso parece ser de uma boa notícia para os países e blocos econômicos que ainda se comportam como colonizadores. O sistema bancário internacional está ávido por emprestar dinheiro com altíssimos juros para “salvar” as economias dos países pobres, que oferecem como garantia de pagamento os cortes nos investimentos de caráter sociais. É a continuidade do uso da cartilha do Consenso de Washington para os países subdesenvolvidos.

Como uma grande empresa a Covid-19, sem nenhum investimento financeiro, está ocupando a grande mídia mundial mobilizando os grandes centros de pesquisa, estabelecendo outros comportamentos e até mesmo mudando a cultura de grande

parte da sociedade mundial, e colocando políticos em situações que podem chegar ao impeachment.

Os centros frouxos citados amiúde em diversos textos do Professor Milton Santos encontraram na Covid-19 um potente concorrente. Centros frouxos são as grandes empresas que por suas características perversas tais como, a falta de compromisso moral, afetivo, social com o território, provocam a desorganização dos territórios. São empresas que enxergam o território apenas como um objeto que deve ser explorado ao seu limite e depois ser descartado; e como são centros frouxos se locomovem pelo território mudando de nome, de atividade, de setor econômico, sendo difícil cartografar suas ações pelo espaço. Portanto, essas empresas obtêm um comportamento similar aos vírus que sofrem mutações para atingir diferentes sociedades.

No Brasil a Covid-19, assim como os centros frouxos, encontra um campo fértil para que seu objetivo maior seja alcançado, que venha a ser a desorganização territorial, impondo uma nova ordem ou mesmo provocando uma reorganização; uma reorganização que pautasse pela quebra do bairrismo entre os estados brasileiros, a disputa regional econômica e a competição voraz entre os municípios. Em escala global, seria pensar numa globalização com o viés mais humanitário, que as respostas da ciência para a cura da Covid-19 fosse guiada pela saúde da população mundial e não guiada pelo capital. Neste sentido, a

Aldeia global tanto quanto espaço-tempo contraído permitiriam imaginar a realização do sonho de um mundo só, já que, pelas mãos do mercado global, coisas, relações, dinheiros, gostos largamente se difundem por sobre continentes, raças, línguas, religiões, como se as particularidades tecidas ao longo de séculos houvessem sido todas esgarçadas (SANTOS, 2000, p.41).

Assim como Milton Santos que fala do esgarçamento social, que significa uma espécie de fragmentação, Cristovam Buarque vai relatar sobre a postura da elite brasileira, que desde o ano de 1500, “jamais considerou nosso povo parte do mesmo conjunto de uma família nacional. Nunca nos uniu à escola, ao sistema de saúde, aos serviços urbanos. Já não nos unem nem mesmo às praias, praças e ruas” (BUARQUE, 2001, p.378). A propagação do coronavírus no território nos iguala em algumas ações, tendo em vista que não há escola de pobre ou de rico, os enfermos podem estar nos hospitais estatais e nos particulares, órgãos públicos fechados para todos. Diante desse cenário o coronavírus não faz distinção

socioeconômica ou de território, sobretudo, porque ele se adapta ao diferentes meios para continuar a sua expansão.

Por outro lado, é possível que essa pandemia ao mesmo tempo em que desorganiza o território, ela também pode ser um vetor de reorganização, de uma nova ordem nacional e internacional. Por exemplo, os estados podem e devem estabelecer outras relações buscando uma solidariedade nacional, que se pense no país, mudando as posturas que empregam o bairrismo estadual para posturas que contemplem a cooperação entre os setores da economia, na pesquisa, na educação, na saúde. É preciso compreender que “a competitividade acaba por destroçar antigas solidariedades” (SANTOS, 2000, p.85). Portanto, a Covid-19 se apresenta como um grande vetor com potencial desorganizador dos territórios, com uma mobilidade maior que os centros frouxos, inclusive, colocando-os em situação de inércia.

Assim como as pessoas, as grandes empresas nacionais e multinacionais ficaram inertes e impotentes diante de um inimigo invisível. Logo o capital que sempre construiu seus muros, agora se vê refém de ações análogas ao seu comportamento pelo mundo, que destrói países do Sul pilhando seus recursos naturais e colocando suas sociedades de joelhos. Assim, a desordem territorial pode ser compreendida como um processo que indica a necessidade de um reordenamento que não será finito visto que as transformações nos territórios são incessantes, umas mais aceleradas outras mais lentas.

Deve-se evitar estabelecer uma dissociação entre o homem e a natureza, tampouco a evolução tecnológica na medicina do bem-estar social. Todavia, é preciso compreender o papel da ciência para a sociedade, pois, “quando a ciência se deixa claramente cooptar por uma tecnologia cujos objetivos são mais econômicos que sociais, ela se torna tributária dos interesses da produção e dos produtores hegemônicos e renuncia a toda vocação de servir a sociedade (SANTOS, 1996, p.07).

A analogia da Covid-19 com uma grande empresa pode ser compreendida quando se observa a subida das ações dos grandes laboratórios nas principais bolsas de valores do mundo quando estes se anunciam a descoberta de uma vacina eficaz. E quando o dinheiro passa a ser o centro dos debates, alijando a humanidade, não há como pensar num mundo mais solidário. É preciso ter cuidado

com a globalização perversa, pois ela “mata a noção de solidariedade, devolve o homem à condição primitiva do cada um por si e, como se voltássemos a ser animais da selva, reduz as noções de moralidade pública e particular a um quase nada” (SANTOS, 2000, p.65).

### **Vivemos numa natureza hostil?**

Certamente que para os povos tradicionais a natureza é sempre parte da sua vida, nunca uma dicotomia ao modo de vida. Para a maioria da população mundial que vive nas cidades a chuva pode ser um transtorno, a seca pode diminuir a capacidade de produção, o vulcão pode fazer desaparecer uma cidade. Cientificamente há uma infinidade de estudos que abordam a relação do homem com a natureza, algumas enveredam pela interatividade e outras focam no antagonismo.

Para este tópico foi resgatado o texto “1992: a redescoberta da natureza”, do Prof. Dr. Milton Santos. É comum quando há catástrofes que tem como causa um dos elementos da natureza dizer-se que a natureza está revidando. De acordo com Santos (1992, p.96) “a história do homem sobre a Terra é uma história de ruptura progressiva entre o homem e seu entorno. [...] o homem se descobre como indivíduo e inicia a mecanização do planeta, armando-se de novos instrumentos para tentar dominá-lo”. Dessa forma, há um sufocamento dos elementos naturais que se muito tensionados poderão modificar suas dinâmicas como, por exemplo, a presença mais constante de animais silvestres no cotidiano de algumas cidades.

O que tem a ver a supressão da natureza com a disseminação da Covid-19? Se considerarmos que o planeta é um grande organismo, então o aparecimento de doenças até então desconhecidas, pode significar também uma resposta da natureza. Afinal, se confirmar que o morcego é principal transmissor do vírus, ele também é parte da natureza aprisionada pelo homem.

Para Santos (1992, p.100) “como a inovação é permanente, todos os dias acordamos um pouco mais ignorantes e indefesos”. Esta reflexão de Milton Santos ajuda a explicar porque o Brasil está atrasado em relação a outros países na busca de uma vacina endógena e, por conseguinte os brasileiros se tornaram mais indefesos ao coronavírus. Num país em que governantes ignoram o valor da produção científica não se pode esperar que sua população esteja imune ao

alastramento do negacionismo como conduta no combate a esta e outras pandemias que a natureza pode nos apresentar.

Portanto, não há uma natureza hostil, mesmo porque hostilidade é uma característica que aparece nos seres humanos. Vivemos cada vez mais num mundo artificializado que utiliza o discurso do conforto humano, da maior quantidade de produção de alimentos, da tecnologia comercial como a única saída para o desenvolvimento. Isso pode indicar que estamos perdendo a capacidade de comunicação e de solidariedade, e vivendo cada vez mais em ambientes confinados. Vale ressaltar que a pandemia nos impõe o distanciamento social, contudo, já não vivíamos em territórios solidários antes da chegada do vírus. Basta olharmos como as cidades estão fragmentadas através de muros visíveis e invisíveis que fragmentam o território e impõem uma espécie de confinamento.

### **Um país e um mundo distorcidos**

Apesar de o coronavírus afetar diretamente a saúde das pessoas inclusive provocando um grande número de óbitos no planeta, porém, a maior preocupação foi com a saúde do mercado financeiro. Ao negligenciar as informações científicas que classificaram a Covid-19 como um vírus altamente letal e de rápida propagação pelo espaço, presidentes de países, primeiros-ministros e prefeitos não tiveram como objetivo principal tranquilizar a sociedade, mas, de proteger ao máximo a economia. Daí Milton Santos (2002, p.93) afirmar que “a única crise que se deseja afastar é a crise financeira, não qualquer outra”. Ao tentar calar o médico Li Wenliang, a China pensou em não parar suas exportações; ao não aderir à campanha para que Milão entrasse em lockdown, o prefeito Giuseppe Sala se preocupou em não parar um dos maiores centros de negócios do mundo.

Quando Donald Trump minimizou a gravidade do vírus, que estava ultrapassando todas as fronteiras entre continentes, países e cidades, sua preocupação foi com a hegemonia norte-americana; e quando Jair Bolsonaro replica o mesmo comportamento político/econômico de Donald Trump para a sociedade brasileira, significa aflorar a nossa condição histórica de uma triste caricatura por tentarmos igualar aos Estados Unidos. Afinal, qual governo brasileiro tentou promover um desenvolvimento descolado do modo norte-americano ou europeu?

Não por acaso Eduardo Galeano vai perguntar: até quando iremos nos comportar como papagaios ou macacos?<sup>3</sup> Ele se referia a condição da América Latina copiar os exemplos de economia que valorizava o consumismo. As palavras de Galeano são corroboradas numa análise que Milton Santos fez sobre a gestão de Fernando Henrique Cardoso no período de 1994 a 2002: “é a primeira vez que alguns países, entre os quais o Brasil, decidem se alienar completamente da condução do seu próprio destino” (SANTOS, 2002, p.43). Nesse ponto pode-se dizer que Bolsonaro e FHC adotaram políticas externas semelhantes haja vista a subserviência do nosso atual presidente ao ex-presidente norte-americano Donald Trump.

No Brasil o caos na saúde pública é histórico independentemente da ideologia do partido que esteja no poder. A pandemia da Covid-19 apenas colapsou um sistema que quantitativamente e qualitativamente é deficitário. A saúde juntamente com a educação e a segurança são somente penduricalhos nos discursos estéreis de muitos políticos brasileiros, principalmente quanto estão em campanhas políticas.

O Sistema Único de Saúde (SUS) elogiado por vários países sofre constantemente tentativas de destruição. De acordo com Sevalho (2012, p.13),

De relevância sempre reconhecida na área de saúde coletiva, a Epidemiologia é usada como referência teórica do SUS desde que este foi concebido. Na prática, porém, contando-se a descentralização e a hierarquização de serviços, passando pela municipalização e a distritalização, o aporte epidemiológico restringiu-se, primordialmente, à administração física do espaço, desconhecendo, quando orienta a demarcação de limites e a operação de sistemas referenciais de intervenção, a multidimensionalidade do território.

Certamente que para evitar o colapso no SUS outros setores como a educação, a produção de ciência, o saneamento básico e políticas de prevenção de doenças devem estar na lista de prioridades dos governantes brasileiros seja nas escalas municipal, estadual ou federal.

Ao tratar do sistema de saúde americano, Davis (2020, p.07) diz que há uma “incapacidade das nossas instituições de manter a Caixa de Pandora fechada, é claro, não é surpresa. Desde pelo menos 2000, temos visto repetidamente falhas na linha de frente dos cuidados de saúde”. Portanto, o que Davis relata não difere da situação brasileira. De acordo com Davis (2020, p.12), “a globalização capitalista parece agora biologicamente insustentável na ausência de uma verdadeira

---

<sup>3</sup> Esta indagação está na fala de Eduardo Galeano dentro do documentário “Encontro com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá” de Sylvio Tendler, 2006.

infraestrutura de saúde pública internacional”. Por isso o coronavírus tem um caráter global tendo em vista que sua expansão contribui para expor a decadência da saúde em nível mundial.

Todavia esse cenário de decadência não foi construído de forma natural ou ingênua, mas conduzido pela globalização excludente que privilegia a privatização, sobretudo, dos setores do Estado responsáveis pelo bem-estar social. Para Harvey *apud* Davis (2020, p.17),

As autoridades públicas e os sistemas de saúde foram apanhados em quase todos os lugares com falta de funcionários. Quarenta anos de neoliberalismo na América do Norte e do Sul e na Europa tinha deixado o público totalmente exposto e mal preparado para uma crise de saúde pública deste tipo.

Este cenário é tão verdadeiro que na Itália, os alunos do último ano de medicina foram atuar em clínicas gerais e em casas de idosos. Para isso o governo antecipou a formatura<sup>4</sup>. Na América do Sul onde o Brasil está inserido o despreparo do poder público, em todas as escalas, não foi diferente. Da convocação de médicos cubanos, passando pela antecipação da formatura de discentes em medicina, até a transformação de alguns espaços em hospitais, mostraram a fraca infraestrutura em recursos humanos e materiais para enfrentar a pandemia.

Diversos canais de notícias mostraram que em Salvador, capital da Bahia, o Hospital Hespagnol fechado em 2014 por acúmulo de dívidas foi reaberto temporariamente, a pedido da Procuradoria Geral do Estado, em prazo recorde para atender os pacientes da Covid-19; ainda na Bahia, na cidade de Lauro de Freitas, o Hotel Riverside, também desativado vai receber pacientes da rede estadual; em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, o Expominas, um espaço para a realização de grandes eventos, será transformado em um hospital de campanha, assim como aconteceu com o estádio do Pacaembu na cidade de São Paulo.

Se por um lado essas medidas podem ser elogiadas pela rapidez de alguns governantes em encontrar essas soluções paliativas, por outro lado, mostra que é possível ter uma infraestrutura permanente para atender pacientes que são alocados cotidianamente nos corredores dos hospitais de todo o país por falta de leitos e em especial nas Unidades de Tratamento Intensivo.

---

<sup>4</sup><https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/03/17/estudantes-de-medicina-va-ajudar-na-pandemia-de-covid-19-na-italia.ghtml>. Acesso em 28 de março de 2020.

O coronavírus, assim como outros vírus, poderia ser enfrentado com mais agilidade ou mesmo ter suas causas restringidas através de políticas de saúde pública eficazes. No entanto, um grande setor que poderia contribuir com a minimização dessa pandemia, antes mesmo dela ocorrer, se comporta de outra forma. De acordo com Harvey *apud* Davis (2020, p.18) “a indústria farmacêutica tem pouco ou nenhum interesse na pesquisa sem fins lucrativos sobre doenças infecciosas. Tem pouco interesse em investir na preparação para uma crise de saúde pública. Quanto mais doentes estamos, mais eles ganham”.

No que se refere ao debate entre a proteção social versus a economia, é uma dicotomia contraproducente tendo em vista que não há desvinculação. Para isso, basta haver políticos comprometidos com o social e avessos à corrupção. Vejamos então: como a Irmã Dulce através de doações conseguiu transformar um galinheiro numa das maiores obras de assistência social do país? Ela usou da caridade para construir uma obra solidária. Outro exemplo é o de Josué de Castro, que além de ter sido cientista também foi um político, dizia que o único desenvolvimento que devemos pensar é no desenvolvimento humano e que para isso bastava dar amor e pão<sup>5</sup>. Certamente que esse tipo de pensamento não permeia a maior parte dos políticos, que é guiada por teorias de macroeconomia que em nada se aproximam das necessidades da sociedade.

Nessa reflexão sobre um país e um mundo distorcidos a mídia não poderia ficar sem uma análise. Milton Santos em algumas de suas análises afirmava que a mídia tinha um papel fundamental no processo de informação, porém, ela também era um elemento de desorganização territorial. Contudo, é importante ressaltar que na época das análises de Milton Santos os meios de comunicação eram limitados aos canais de televisão e jornais impressos; a internet ainda não era popularizada como nos dias atuais. Santos (2000, p.40) dirá que “as mídias nacionais se globalizam, não apenas pela chatice e mesmice das fotografias e dos títulos, mas pelos protagonistas mais presentes”.

Nesse sentido, a grande mídia capitaneada, principalmente, através dos canais de televisão promove uma guerra de audiência onde o “vale tudo” e a ideologia política são o norteamento da programação. Outro fator de abalo territorial

---

<sup>5</sup>Pensamento expresso **Documentário sobre Josué de Castro: cidadão do mundo**. Direção de Silvio Tendler. Produtora UERJ VÍDEO, em VHS, 1994. <https://www.youtube.com/watch?v=fQrWw1sjHyl>. Acessado em: 30 out. 2013.

tem como vetor as redes sociais e suas *fake news* que assim como os canais de televisão divulgam mensagens, também, com conteúdo ideológicos políticos, porém, com um diferencial, uma maior disseminação com maior velocidade através dos aparelhos de smartphones.

Os principais conglomerados de comunicação praticamente passaram a dedicar 24 horas de suas programações para noticiar sobre o coronavírus, evidentemente, que dentro da ideologia política, religiosa, dos seus diretores. Para Santos (2000, p.39) “o que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde”. Algumas optam por uma linha jornalística que se alinha com o pensamento do atual Presidente da República, onde as atividades econômicas devem voltar, que já foi encontrada a cura para combater o vírus, e tentam diminuir o estágio de pandemia em que o Brasil e mundo se encontram. Outros canais de televisão optam por uma linha de conduta que se ampara no confinamento social total como forma de conter a ação e propagação do coronavírus.

As chamadas fake news podem ser atreladas a falência quase que total da nossa estrutura formal e informal de educação, que também não é recente. De acordo com Recuero e Gruzd (2019, p.32) “o conceito de fake news é hoje sinônimo de desinformação, utilizado livremente pelos veículos noticiosos para indicar rumores e notícias falsas que circulam, principalmente, na mídia social”. Certamente, que a importância que as redes sociais começaram a ter em países como o Brasil (não quer dizer que não tenham a mesma dinâmica em países desenvolvidos) pode ser explicada pelo fato que trocamos nossos intelectuais pelos chamados influenciadores digitais, os livros pelos Tweepers e Watsapps que além de limitar a escrita também limitam o pensamento crítico. Logo, em grande parte, essas redes sociais acabam servindo apenas como arenas de embates estéreis. Tudo em nome de uma celeridade na divulgação de ideias pessoais, mormente, limitantes do contexto coletivo, e que superam as informações relevantes e sérias.

As *fake news* se tornam mais perigosas quando políticos ou pessoas influentes começam a ditar comportamentos que podem gerar, por exemplo, corridas aos supermercados, superlotação em farmácias, supervalorização de determinados produtos, descumprimento de normas de segurança para a saúde, etc. As mentiras, notícias falsas “são constituídas fortemente por conjuntos de atores bastante

engajados, ou ativistas políticos, que utilizam as citações de líderes de opinião e veículos midiáticos para auxiliar possivelmente na conquista de credibilidade dessas notícias e seus possíveis espalhamentos” (RECUERO e GRUZD, 2019, p.45).

### **Considerações finais: algumas percepções**

Seja em escala nacional ou global a perspectiva de que sairemos dessa pandemia sendo mais solidários entre os territórios não se apresenta como realidade. Políticos aliados de um perverso sistema financeiro não apresentam projetos explícitos para diminuir a pobreza, não têm projeto para a melhoria da educação e ciência em países subdesenvolvidos e, sobretudo, não desejam transferência de tecnologias. Ao contrário, preferem manter um sistema de colonização através da produção tecnológica. E este comportamento não é exclusivo dos chamados políticos da Direita, é também praticado por seus pares da Esquerda.

Não se trata aqui de acirrar a relação entre ricos e pobres, mas de encontrar um caminho que haja uma diminuição do fosso que existe entre eles. E isso só é possível se colocarmos a humanidade no centro das prioridades em busca de um planeta mais solidário, que não deve ser confundido com caridade.

A Dinâmica da Covid-19 reafirma a existência dos territórios de decisão ao seu combate. Ainda é latente a lógica da organização política e administrativa do Brasil e do mundo em centro e periferias. No Brasil a centralização serve, sobretudo, para conquista de objetivos políticos no que se refere a ampliação de poder de um determinado partido ou de suas coligações. Nesse contexto, o Estado de São Paulo encampou a guerra contra o vírus e contra o presidente da República; muito em função da incapacidade de governança de Jair Bolsonaro. Incapacidade explícita na postura de negligenciar a capacidade letal do coronavírus e na desastrosa política externa.

Nesse período pandêmico, no Brasil a maioria dos políticos de todas as colorações partidárias se apegam em discussões ideológicas que objetivam tão somente angariar votos para a próxima eleição. Governo e seus alinhados atuam para descredibilizar a ciência, principalmente, se a vacina tem origem de países ideologicamente contrários. Por outro lado, os políticos que fazem o papel de

oposição se limitam a discursos pro impeachment de Bolsonaro. Qual o projeto para o país? Certamente que a resolução da pandemia é fundamental e exige decisões acertadas. O que será da ciência do Brasil depois da pandemia? Teremos uma maior quantidade de investimentos em centros de pesquisas? Por que essas questões não podem aparecer ao lado do pedido de impeachment?

No Brasil a crise em muitos setores pode ser explicada pelo fato de que o país que nunca teve a cultura de tratar a ciência como sua parceira no desenvolvimento. Aliás, para alguns governos a ciência é tratada como uma inimiga. É fundamental para o país valorizar a FIOCRUZ, o Instituto Butantã bem como equipar todos os laboratórios de pesquisa das Universidades e Institutos Federais, e instituir a carreira de pesquisador/cientista. São ações que deveriam fazer parte de um plano de desenvolvimento do país.

A desorganização territorial seja ela natural ou provocada por ações antrópicas sempre irá ocorrer, pois é parte do comportamento do homem, da dinamicidade econômica, como também é parte da dinâmica natural do planeta. Contudo, se um país privilegia o bem-estar social, que pode ser desenvolvido a partir de políticas públicas com amparo científico, os prejuízos humanos e econômicos tendem a ser minimizados.

## Referências

- BUARQUE, Cristovam. *Nordeste: quinhentos anos de descoberta*. In: SACHS, I.; DAVIS, Mike. et al. *Coronavírus e a luta de classes*. Terra Sem Amos: Brasil, 2020.
- GUIMARAES, Raul Borges; PICKENHAYN, Jorge Amancio; LIMA, Samuel do Carmo. *Geografia e saúde sem fronteiras*. Uberlândia/MG: Editora Assis, 2014.
- HAESBAERT, Rogério. Região, diversidade territorial e globalização. *GEOgraphia, Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia. Niterói/RJ, UFF/EGG, Ano I, n.01, 1999. p.15-39.*
- RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de “Fake News” Políticas: Um estudo de caso no Twitter. *Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. n. 41, jun. 2019.*
- SANTOS, Flávia de Oliveira. Geografia médica ou Geografia da saúde? Uma reflexão. *Caderno Prudentino de Geografia. n.32, vol.1, p.41-51, jan/jun. 2010.*
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova: da crítica a geografia a uma geografia crítica*. 6ª.ed. São Paulo: Edusp, 2004.
- SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. Edusp:SP, 2004b.
- SANTOS, Milton. *O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania*. Organização, apresentação e notas de Wagner Costa Ribeiro; ensaios de Carlos Walter Porto Gonçalves. São Paulo: Publifolha, 2002.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, Milton. 1992: a redescoberta da natureza. *Revista Estudos Avançados. USP/SP, N.06, vol. 14, 1992.*
- SEVALHO, Gil. O "homem dos riscos" e o "homem lento" e a teorização sobre o risco epidemiológico em tempos de globalização. *Revista Interface. vol.16, n.40, pp.07-20, 2012.*

Processo de Avaliação por Pares: (Blind Review)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - [www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes) em: 05/2021

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

[www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes)

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424